

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE PSICOLOGIA



Trabalho de conclusão de curso

Deixar falar ou fazer calar:
uma cartografia das violências silenciadas

Priscila Lautenschläger

Pelotas, 2019.

Priscila Lautenschläger

Deixar falar ou fazer calar:

uma cartografia das violências silenciadas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Prof. Orientador: José Ricardo Kreutz

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L389d Lautenschläger, Priscila

Deixar falar ou fazer calar : uma cartografia das violências silenciadas / Priscila Lautenschläger ; José Ricardo Kreutz, orientador. — Pelotas, 2019.

26 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Cartografia. 3. Silenciamento. 4. Violência. 5. Gênero. I. Kreutz, José Ricardo, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Priscila Lautenschläger

Deixar falar ou fazer calar: uma cartografia das violências silenciadas

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 19 de julho de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Ricardo Kreutz (Orientador)

Universidade Federal de Pelotas

Prof^a. Dr^a. Károl Veiga Cabral

Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Régis de Azevedo Garcia

Universidade Federal do Rio Grande

Prof^a. Dr^a. Thaíse Campos Mondin

Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho às mulheres que, antes de mim, gritaram para que eu pudesse estar aqui e à todas aquelas que seguem (r)existindo.

AGRADECIMENTOS

Os últimos cinco anos foram com certeza os mais desafiadores da minha vida. Apesar de todo o cansaço, tenho muito a agradecer.

Primeiramente agradeço a minha mãe por ter me dado a vida muitas vezes, de várias formas, e por ter sido meu maior exemplo de força e resiliência. Ao meu pai, por sempre ter me protegido. Aos meus irmãos, Junior e Wagner, por terem dividido os melhores e os piores anos da minha vida e, principalmente, por terem me dado os maiores presentes que eu poderia imaginar: Henrique e Vitor, a dinda ama vocês do tamanho do mundo!

Agradeço aos meus companheiros dessa caminhada psi, meu “grupinho do fundo”, vocês foram essenciais na minha formação como psicóloga e como pessoa. Mari, do início ao fim, né? Nunca vai caber aqui o tanto de coisas que passamos juntas e o tanto que sou grata por isso. Jade, só posso lamentar por não termos nos encontrado antes no curso, mas acho que compensamos (e compensaremos) esse tempo. Vocês duas são meus exemplos de profissionais e de mulherão da p%\$&, que orgulho de vocês! Matheus (Mo), obrigada por todo carinho que tu me deu todo esse tempo. Art, nosso nenê, nem acredito que cresceu tanto. Aline, a tua força me inspira. Diego, obrigada por todas as massagens em aula e conversas fora dela. Renata, tua paciência e afeto fizeram toda diferença nesta reta final. Vocês são incríveis (pegaram a referência?) e eu espero levar vocês pro resto da vida.

Agradeço aos professores da Psicologia, por todo conhecimento técnico e, principalmente, humano passado. Airi, Rochele, Hudson, Marta, Károl, tive muita sorte em ser aluna de vocês. Régis, obrigada por tanto afeto e por me fazer gostar de filmes ruins. Zé, obrigada por me acolher desde quando eu não tinha horário pra nada (e tu sempre dava um jeito), por me ouvir e sempre se mostrar aberto a mudar, tenho certeza que crescemos muito nesse processo.

Por fim sou grata pela oportunidade de fazer o curso dos meus sonhos, no turno da noite e de forma gratuita (alô #LulaLivre!), condição essa ameaçada pelo atual governo. Sempre bom lembrar: educação não é mercadoria! Seremos resistência!

*“Que nada nos defina,
que nada nos sujeite,
que a liberdade seja nossa própria substância.”*

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

LAUTENSCHLÄGER, Priscila. Deixar falar ou fazer calar: uma cartografia das violências silenciadas. Orientador: José Ricardo Kreutz. 2019. 26 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

O presente trabalho propõe a investigação das microviolências cotidianas silenciadas dentro do ambiente acadêmico. O método de experimentação proposto é a cartografia, que por sua vez, busca justamente reverter a ordem do método: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*, implicando na inversão da experimentação do pensamento. Assim, o caminhar torna-se mais importante que o caminho. Através de um dispositivo em formato de urna/caixa pensado para coletar relatos, o próprio silêncio emergiu e tornou-se a matéria de expressão a ser cartografada. Desta forma foram propostas reflexões através de algumas experimentações da autora, partindo de seu lugar enquanto mulher dentro do ambiente acadêmico e portanto, também objeto deste estudo.

Palavras-chave: Psicologia. Cartografia. Silenciamento. Violência. Gênero.

ABSTRACT

LAUTENSCHLÄGER, Priscila. Let them talk or shut them up: a cartography of the silenced violences. Advisor: José Ricardo Kreutz. 2019. 26 p. Final paper (Degree in Psychology) – Institute of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

The present paper proposes the investigation of the daily micro-violences silenced within the academic environment. The proposed method of experimentation is cartography, which seeks to reverse the order of the method: transforming the *metá-hódos* into *hódos-metá*, implying the inversion of the experimentation of the thought. Thus, the walk becomes more important than the path. Through an urn/box shaped device designed to collect reports, silence itself emerged and became the matter of expression to be mapped. Hence, reflections were proposed through some of the author's experiments, starting from her place as a woman within the academic environment and, therefore, also object of this study.

Keywords: Psychology. Cartography. Silencing. Violence. Gender.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UM POUCO DE TEORIA	12
2.1 A violência fria	12
2.2 Um olhar para a violência	13
2.3 O referencial não-teórico	14
3 METODOLOGIA	16
3.1 <i>Hódos-metá</i>	16
4 COMO FALAR DO SILÊNCIO A PARTIR DO SILÊNCIO?	18
4.1 A caixa vazia	18
4.2 O sujeito-caixa	19
4.3 Alguns silêncios do sujeito-caixa	20
4.4 Deixar falar ou fazer calar?	22
5 SAÍDAS MÚLTIPLAS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
APÊNDICE 1 – Instruções	27

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é sobre violência. E gênero. Sobre violência de gênero. Mas acima de tudo, sobre silenciamento. Quanta violência existe ao silenciar a violência?

Violência é uma palavra cheia de definições formais e ao mesmo tempo um tanto subjetiva. Pode-se abrir o dicionário e ler que violência tem a ver com coação (MICAELIS, 2018). Ou pode-se procurar uma definição que seja abrangente e objetiva, como a utilizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que define violência como “uso intencional de força ou poder físico, ameaçado ou real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma alta probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, malformação ou privação” (WHO, 2002). Mas o quê isso significa de fato no cotidiano?

Para falar de violência de gênero, há um tanto de dados disponíveis atualmente. Muitos partem de registros oficiais, outros de questionários aplicados ou auto aplicados, tabulados, transformados em estatísticas, probabilidades, dados alarmantes – e necessários. Mas dados não têm rosto, não têm corpo, não têm subjetividade. Dados não sofrem. Pessoas sofrem, todos os dias, sem rosto, sem voz.

A definição mais utilizada para violência parte do princípio da intencionalidade (WHO, 2015). E de onde parte a intenção? Tendemos a acreditar que parte do indivíduo. Tal afirmação facilita o entendimento, coloca a violência em lugar palpável, mensurável. Porém, a grande questão é: de onde parte o indivíduo?

O indivíduo é *a priori* um ser social. Não pode ser analisado como unidade isolada. Ele parte e retorna a uma subjetividade a qual, de fato, não o pertence. Em suas cartografias do desejo, Guattari & Rolnik (GUATTARI e ROLNIK, 1996) trazem o conceito de subjetividade em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos. Para os autores, a subjetividade “é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Desta forma, não é possível atribuir a violência de gênero somente ao indivíduo perpetrador, muito menos à vítima, pois estão ambos inseridos em um contexto social que germina a violência e em permanente desequilíbrio nesta corda-bamba de relações sociais. Sua subjetividade permeia e é permeada pela teia social. Para Guattari & Rolnik:

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI e ROLNIK, 1996)

Da subjetividade também parte o presente estudo: de um lugar inseguro em que estou, enquanto mulher. Não uma insegurança qualquer, mas de uma insegurança tão profunda que parece que tudo perde o sentido, que imobiliza. Onde desconhecer o próximo passo faz com que não seja possível passo nenhum. De fato, isso é um paradoxo: o próximo passo é sempre desconhecido. Segundo Rolnik (ROLNIK, 2014), a tarefa do cartógrafo é dar língua para afetos que pedem passagem. Desta forma, não poderia, diante do contexto social, político – e violento – atual, tratar de outro assunto se não essa insegurança, essa imobilidade e acima de tudo, o silenciamento.

O presente trabalho busca, então, dar voz aos entremeios silenciosos da violência: aquela que os dados não são capazes de alcançar e que muitas vezes nem mesmo são conscientes. As violências que são naturalizadas (ou não), aquelas cotidianas, que passam batidas aos olhares menos atentos. As que calam.

2 UM POUCO DE TEORIA

2.1 A violência fria

Em 2015 a Organização Mundial de Saúde (OMS) mostrou que no Brasil o número de mulheres assassinadas chega a 4,8 por 100 mil (WAISELFISZ, 2015). Este relatório também aponta que as mulheres negras sofrem ainda mais violência quando comparadas com mulheres brancas. Somente na década analisada no Mapa da Violência de 2015 houve um aumento de 54% nos registros de mortes. Porém quando consideramos o recorte racial durante o mesmo período, as taxas de homicídio de brancas têm uma queda de 11,9%, enquanto a vitimização de negras têm um aumento de 19,5% (WAISELFISZ, 2015). Também chama atenção a prevalência do tipo de perpetrador da violência: em mais da metade das vezes (50,3%) é cometida pelos próprios familiares (WAISELFISZ, 2015).

A violência contra a mulher está tão enraizada na sociedade, que é difícil inclusive tratá-la estatisticamente. Mesmo o mais alto grau de violência, que culmina em morte, ainda carece de dados oficiais precisos. Isto se deve principalmente à falta de consenso e entendimento sobre o conceito de feminicídio. Para que se tenha noção real da proporção do problema é necessário separar os dados sobre homicídio e feminicídio.

Segundo a recente Lei do Feminicídio (Lei 13.104/2015), “existe feminicídio quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino.” (WAISELFISZ, 2015). Contudo, com uma rápida olhada para tal conceito, é possível entender porquê em uma sociedade onde o machismo é dominante haja tamanha dificuldade em admitir a existência (e conseqüente registro) de feminicídio.

Em determinado momento pode-se questionar a insistência na necessidade de ter dados concisos sobre feminicídio, considerando que o pior desfecho já ocorreu. Entretanto, as estatísticas são o meio principal para a criação de políticas públicas que atuem na prevenção do problema. Segundo o Atlas da Violência de 2018:

[...] a mulher que se torna uma vítima fatal muitas vezes já foi vítima de uma série de outras violências de gênero, por exemplo: violência psicológica, patrimonial, física ou sexual. Ou seja, muitas mortes poderiam ser evitadas, impedindo o desfecho fatal, caso as mulheres tivessem tido opções concretas

e apoio para conseguir sair de um ciclo de violência. (CERQUEIRA, LIMA, BUENO et al., 2018)

O ciclo de violência a qual as mulheres estão constantemente expostas, em muitos casos termina em morte. O que não se sabe ao certo é onde ele começa. Buscar compreender as raízes da violência de gênero é tão complexo quanto urgente e necessário.

2.2 Um olhar para a violência

A violência de gênero não é algo novo, muito pelo contrário, existe desde sempre. O que é novo é o olhar sobre ela. A mulher sofreu por muito tempo sem que ninguém tenha dado importância; na maioria das vezes nem a própria vítima tinha consciência total ou parcial da violência sofrida. A naturalização da violência contra a mulher é tão forte, que ainda hoje a cultura de culpar a vítima é bastante propagada.

A sociedade atual, patriarcal, traz consigo uma série de pequenas violências, que juntas formam uma(s) grande(s). Márcia Tiburi em seu *Feminismo em comum*, diz que o nome patriarcado é estranho para grande parte das pessoas que veem como natural a ordem social existente. Ainda para Tiburi “o patriarcado representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte.” (TIBURI, 2018). Um dos pilares de sustentação deste cenário está em, precisamente, ser um sistema que privilegia boa parte dos indivíduos nele inseridos enquanto cega a outra parte. Mesmo quando o oprimido, e aqui falaremos de oprimida, consegue enxergar a submissão, não consegue desvencilhar-se dela.

Para pensar a dinâmica da dominação é interessante estudar o conceito da violência simbólica trazido por Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina*:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2014)

O conceito de violência simbólica de Bourdieu consegue aclarar parte do que é a dinâmica do machismo institucionalizado. O machismo que impõe com aparente sutileza e inerente crueldade a relação oprimido/opressor. Tal dualidade é enfatizada diversas vezes na obra do francês, onde há uma preocupação em situar o conceito de força simbólica, não como a coisa-que-não-existe de fato, mas ao contrário: o simbólico justamente ratifica a existência da violência e em nenhuma hipótese tenta minimizá-la. Para Bourdieu (BOURDIEU, 2014), “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras na zona mais profunda dos corpos”.

A “zona mais profunda dos corpos” é um lugar desconhecido tanto quanto o mecanismo que consegue implantar neste *locus* a dinâmica de dominação/submissão. Daí a grande questão: como reconhecer uma força imposta sobre os corpos, quando na maioria das vezes o sujeito oprimido nem se reconhece como tal? E quando se reconhece, como lutar ou resistir a um poder do qual não se sabe onde tem início e onde (e se) tem um fim?

2.3 O referencial não-teórico

Este tópico trata de um referencial não-teórico, ou seja, um referencial pautado na subjetividade. Não vejo outra maneira senão escrevê-lo em primeira pessoa. Assim como Judith Butler coloca-se como autora-sujeito no livro *Problemas de gênero* (BUTLER, 2018), com o qual comecei a flertar para a construção deste, preciso situar o leitor a respeito do lugar de onde o trabalho parte. Sentir-me-ia um pouco desonesta em propor um projeto onde busco relatos de mulheres sobre seus sofrimentos, sem antes falar dos meus.

Aqui lanço mão de uma autora que trata do lugar de fala, para justificar a necessidade de me colocar neste trabalho. Djamila Ribeiro traz que:

[...] quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências individuais necessariamente, mas de condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades. (RIBEIRO, 2017)

Nasci em uma dessas famílias tradicionais com pai-mãe-filhos, dessas perfeitas por fora e nem tanto por dentro. Mas a gente demora para perceber isso, infelizmente. Sofri com o machismo desde que posso lembrar, e talvez, antes disso também. Não pude fazer muitas coisas pelo simples motivo de “ser mulher”.

Aos 19 anos estava cursando a minha primeira faculdade, em Administração de Empresas. Trabalhei desde os 16, trabalhei enquanto estudava e trabalhei mais depois. O meio empresarial não é muito amigável com as mulheres, sabe? A gente costuma ganhar menos e demorar mais para alcançar melhores cargos. Ainda assim, continuamos recebendo menos. Menos salário e menos respeito, eventualmente.

Aos 27 anos, estava cumprindo meu papel com êxito: já tinha um bom cargo, um relacionamento estável e era extremamente infeliz. Ou seja, tudo que se espera de uma mulher bem-sucedida. Porém o ser humano, esse ser desejante, inconformado... Segundo Deleuze (ROLNIK, 2014), “o desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos”. Eu queria mais. Resolvi voltar para a universidade, dar vazão aos meus afetos, reconhecer-me e relacionar-me de forma livre e largar aquela vida “perfeita”. Não recebi muito apoio, como esperado. Afinal, o sucesso é medido através das coisas materiais e não de satisfação pessoal.

Depois de dois anos de faculdade, tive a brilhante ideia (pareceu uma ótima ideia na hora) de fazer mestrado em paralelo com a graduação: Epidemiologia, um campo de pesquisa interessante (e essencial), mas um tanto... Quantitativo. Basicamente, o curso é composto por estatística, programas de manipulação de dados, teorias epidemiológicas e sofrimento acadêmico.

Por dois anos vivi, de um lado toda a sensibilidade e os olhares sobre a subjetividade da Psicologia, de outro escrita acadêmica e dados, muitos dados da Epidemiologia. Obtive um título de mestre em Epidemiologia que nem se quer foi comemorado, tamanha violência sofrida no ambiente acadêmico.

Em meio a tudo isso, ou antes de tudo isso, continuo sendo mulher. E apesar de todas minhas camadas de privilégio, sofri e sofro com o machismo todos os dias. Ainda assim, eu tenho o hábito de estar onde eu estou. De (r)existir. E foi basicamente isto que fez a ideia deste trabalho nascer: existir enquanto mulher nesse mundo hostil.

3 METODOLOGIA

3.1 *Hódos-metá*

A formulação tradicional de uma pesquisa conta com a metodologia como parte fundamental de sua construção. O método aqui proposto é a cartografia. Paradoxalmente, não é adequado falar em metodologia cartográfica. Segundo o livro *Pistas do Método Cartográfico*, a etimologia da palavra método (*metá-hódos*) implica em uma ordem previamente estabelecida onde se toma um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas (*metá*). A cartografia, por sua vez, busca justamente reverter tal ordem: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*, que implica na inversão da experimentação do pensamento. A cartografia como um método não para ser aplicado, mas para ser vivenciado e assumido como atitude. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)

A cartografia, então, funciona perfeitamente quando se busca trabalhar um tema que parte de um caminho e não busca o fim deste, mas sim o caminhar. Ao contrário da pesquisa científica tradicional, o método cartográfico reconhece e acolhe a implicação do pesquisador: ele está pesquisando e sendo pesquisado, intervindo e implicado na pesquisa, pois “toda produção de conhecimento, precisamos dizer de saída, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente”. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)

Quando se fala em implicação política, assume-se que a política, longe de ser somente uma prática do Estado, é aquilo que permeia as relações e os indivíduos, ou seja: tudo. Pode-se ler em *Pistas do Método Cartográfico*:

[...] uma característica do procedimento narrativo da desmontagem é a de que “tudo é político”, indicando que o caso individual é índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como *ethos* político, com ramificações do caso individual no plano imediatamente político. A fronteira que separa o “caso individual” do plano político mostra-se bem mais uma franja, zona de indiscernibilidade, do que marca de separação entre um (o caso) e o de qualquer um (o político). (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)

No caso do presente trabalho fica claro que não é possível implicar-se sem ser implicado (e vice-versa) antes, durante e após o processo de pesquisa. As narrativas podem parecer em primeira análise individuais, mas basta um olhar mais atento para perceber que são muito mais coletivas do que pertencentes à unidade de onde

partiram, pois a própria unidade não parte de si mesma, e sim do coletivo. A narrativa, ainda que parta de uma singularidade “não remete a um sujeito. O sujeito é ele próprio um agenciamento de enunciação, isto é, ele se constitui num plano de consistência por agenciamentos, ele só existe em face de certas engrenagens, de determinados agenciamentos.” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)

4 COMO FALAR DO SILÊNCIO A PARTIR DO SILÊNCIO?

4.1 A caixa vazia

A ideia inicial deste trabalho era coletar relatos no ambiente acadêmico através de uma urna/caixa (Figura1) disposta em diferentes lugares dentro da universidade.



Figura 1 – A caixa

A caixa com a inscrição “*ei, mina! dê voz ao que te cala*” circulou durante aproximadamente dois meses por diversos locais dentro da universidade, incluindo palestras sobre violência, assédio e gênero. Também ficou por algum tempo na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), local de atendimento e acolhimento de alunos em situação de vulnerabilidade. E o resultado? Nenhum relato. Silêncio.

Em uma segunda tentativa, a frase provocativa foi mudada para “*ei, mina! como o machismo te violentou hoje?*” (Figura 2)



Figura 2 – Segunda tentativa

Novamente nenhum relato foi posto na urna. Mais silêncio.

Em um terceiro momento, foi colocado juntamente à urna, um texto explicativo da pesquisa (Apêndice 1), com um bloco de papel e uma caneta. Talvez a ausência de relatos fosse a falta de entendimento sobre o objetivo da caixa. Porém nem assim houve qualquer relato. Nem um sequer. Só o silêncio.

A esta altura eu tinha, literalmente, um problema de pesquisa. A frustração de não receber nenhum um único relato fez parecer que a pesquisa deu errado. Eu sabia que a violência existia, eu mesma já havia passado por situações deste tipo. Já ouvi ao longo da trajetória acadêmica muitos e muitos relatos dessas violências cotidianas. Como, então, resolver este problema? Como ouvir o silêncio? Como fazer o silêncio falar? Uma resposta possível para este ‘falar’, pode estar em um conceito trabalhado em *O que é lugar de fala?* (RIBEIRO, 2017): “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.”

Desta forma, aqui o silêncio não é um problema. O silêncio é o resultado da pesquisa! O fato a ser analisado não é o de não existir violência, é o de não haver relatos. E não é justamente disto que este trabalho trata? Do silenciamento?

Em *Pistas do Método Cartográfico* os autores trazem que:

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015)

Os relatos sempre estiveram ali, no silêncio. Eu já os conhecia antes mesmo da caixa. Talvez a ideia da pesquisa tenha sido uma tentativa de afastamento inconsciente da violência. Afinal, estes relatos, todos, também são meus.

4.2 O sujeito-caixa

Conforme visto anteriormente, o método de pesquisa cartográfico pressupõe uma inversão do método de pesquisa tradicional: o “*hódos-metá*”. Assim sendo, a experiência de pesquisa não é início-meio-fim, mas sim os entremeios, o caminhar.

Foi necessário existir o “*metá*” caixa, para se constituir o “*hódos*” sujeito. Segundo Deleuze (DELEUZE, 2001):

“O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete.”

Neste sentido, a caixa transformou-se em um sujeito-caixa. A trajetória da caixa foi mais importante do que o fim a que ela se propunha. O caminhar da caixa desenvolveu-me, modificou-me e colocou-me em contato com os muitos silêncios que ouvi e outros tantos que calei.

Ainda segundo Deleuze (DELEUZE, 2001), “o sujeito reflete e se reflete: daquilo que o afeta em geral, ele extrai um poder independente do exercício atual, isto é, uma função pura, e ele ultrapassa sua parcialidade própria.”. Desta forma, eu, o sujeito-caixa, percebi que antes mesmo do começo da pesquisa, já possuía os relatos da caixa. A caixa em si, não foi mais do que um reflexo de mim mesma.

4.3 Alguns silêncios do sujeito-caixa

“A diretora da escola me disse que eu não tinha cara de psicóloga.” – De uma colega de aula, negra, sobre a acolhida no novo campo de estágio. Campo de estágio que eu partilhava (e que havia sido muito bem recebida).

A autora negra Bell Hooks, em seu livro *“O feminismo é para todo mundo”* defende que todas as mulheres sabem que existem diferenças entre mulheres brancas e mulheres negras/não brancas. Segundo Hooks (HOOKS, 2018), as mulheres brancas “sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de que mulheres brancas escolhem refrear ou negar esse conhecimento não significa que seja ignorantes. Significa que estão em negação.” Naquele momento o silêncio foi um soco no estômago. Todo mundo sabia.

Sempre fico em dúvida sobre como abordar o racismo a partir da minha condição de privilégio como pessoa branca. Resolvi começar com este relato porque espero repassar este soco no estômago sempre que eu tiver chance.

*“nossos joelhos
arreganhados
por primos
e tios
e homens
nossos corpos manipulados
pelas pessoas erradas
que mesmo numa cama segura
sentimentos medo”* (KAUR, 2017)

– De colegas, amigas, pacientes.

Emprestei estes versos como eufemismo para os tantos relatos de abuso e medo que são silenciados todos os dias. Sim, um eufemismo. Aqui eu deixo um silêncio de relatos específicos em consideração a todos os relatos, vivências e medos que este sujeito-caixa carrega em si.

Toda mulher já foi ou conhece alguém muito próxima que já foi abusada. Já os homens dificilmente dirão o mesmo. A conta não fecha.

Para Bourdieu (BOURDIEU, 2014), a mulher está submetida a uma socialização que tende a diminuí-la e para tal “faz a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio.”. Porém o silêncio aqui não é sempre literal. Muitas vezes falamos, poucas vezes somos ouvidas e dificilmente não somos culpabilizadas.

“Ele nem ao menos me ouviu, já foi desconsiderando todo meu trabalho...” – De uma colega sobre um professor.

Para Bell Hooks (HOOKS, 2018):

Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social. Grupos dominantes mantêm poder através de ameaça (aceita ou não) de que castigo abusivo, físico ou psicológico, será usado sempre que estruturas hierárquicas forem ameaçadas.

Durante a trajetória acadêmica vivi e deparei-me com um sem-número de situações como esta. E sem dúvida também é uma das situações mais silenciadas. É difícil estar do lado mais fraco, como aluno. É mais difícil ainda estar do lado mais fraco do lado mais fraco: como aluna.

No livro “*A mulher escondida na professora*”, a autora relata sua experiência enquanto aluna:

Durante muito tempo submeti-me a tais mandatos e até consegui ser a melhor aluna das escolas pelas quais passei. Logo pude ver à custa de que cerceamentos, anulações e sofrimentos em minha própria criatividade aquilo aconteceu. Tive que realizar (e continuo realizando) um trabalho de expulsão desses mandatos, tarefa para a qual se necessita de um quantum de agressividade sadia. [...] A maior violência desta situação residia em que eu não podia perceber a agressão em que, atrás das palavras ditas, havia uma quantidade de “não-ditas”, que violavam a minha capacidade de decidir e que culpabilizavam o pedir e o falar em si mesmos. (FERNÁNDEZ, 1994)

Neste ponto retorno aos silêncios da caixa, sem poder deixar de percebê-la, assim como eu, dentro de um ambiente acadêmico. E questiono: quanto do silêncio da caixa e do sujeito-caixa devem-se ao “não-dito” que viola nossa capacidade de decidir e culpabilizam o falar em si mesmo?

4.4 Deixar falar ou fazer calar?

Como vimos, o silêncio tem muitas vozes. E poucos ouvidos.

O silêncio pode ser cúmplice ou algoz.

O silêncio pode deixar falar ou fazer calar.

Mas de nenhuma forma é isento. Quem cala consente? Pois eu digo que quem cala sente. Sente muito.

O silêncio dói. O silêncio machuca. O silêncio mata. E ninguém ouve.

A violência existe. E ela grita, mesmo no silêncio.

Resta saber: Você é a parte que cala? Ou a parte que fala?

Ou é a que não ouve?

5 SAÍDAS MÚLTIPLAS

Um dos princípios da cartografia é de que “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2014). Desta forma é difícil trabalhar com a ideia de conclusão deste trabalho, pois não há uma. Concluir seria estabelecer um fim do caminho, quando o que importa aqui é o caminhar.

Uma entrada desta pesquisa, deu-se através de dados. Usando o conceito de Deleuze, que diz que dado é “o fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções.” (DELEUZE, 2001) e buscando responder um problema também proposto pelo autor, quando questiona “como pode, no dado, constituir-se um sujeito tal que ultrapasse o dado?” tentou-se dar corpo aos dados de entrada.

O silêncio dos dados e dos corpos foi aqui a matéria de expressão que, paradoxalmente, deu corpo e voz a este sujeito (sujeito-caixa). Este trabalho foi permeado pela minha própria subjetividade e, ao fim, posso dizer que é difícil. É difícil deixar falar o que se cala. Talvez se eu tivesse cruzado com a caixa, também não teria escrito nada. Talvez a caixa tenha sido justamente o “problema”. Talvez todo o processo de construção desta pesquisa tenha servido justamente para mostrar o quanto os nossos silêncios precisam ser ouvidos, não por objetos (caixa), mas por pessoas (sujeito-caixa).

Assim como fiz uso da minha voz para falar por outras, deixo como reflexão final uma fala de Audre Lorde sobre “Transformação do silêncio em imagem e ação” proferida em 1977, mas que não poderia ser mais atual. E definitivamente fala por mim.

[...] Muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbalizá-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal-entendidas. Mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem.

[...] Só havia traído a mim mesma nesses pequenos silêncios, pensando que algum dia ia falar, ou esperando que outras falassem. E comecei a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim ao dar-me conta de que não devia ter medo, que a força estava em aprender a ver o medo a partir de outra perspectiva.

[...] Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês. Mas cada palavra que tinha dito, cada tentativa que tinha feito de falar as verdades que ainda persigo, me aproximou de outras mulheres, e juntas examinamos as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças.

[...] Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torná-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? Talvez para algumas de vocês hoje, aqui, eu represento um de seus medos. E, certamente tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos.

[...] **Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição**, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. (LORDE, 1984)

Que o peso do silêncio não nos afogue. Que nosso corpo fale. Que nossas vozes sejam ouvidas. Afinal, a quem serve o silêncio?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. **Bertrand Brasil**, v. 12, p. 160, 2014. ISSN 978-85-286-0705-5.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. **Civilização Brasileira**, v. 16ª ed., p. 287, 2018.

CERQUEIRA, D. R. D. C.; LIMA, R. S.; BUENO, S. et al. Atlas da Violência 2018 **IPEA e FBSP**, 2018. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/> >. Acesso em: 10 dez. 2018.

DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. São Paulo: Ed. 34, 2001. 160.

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolíticas: Cartografias do Desejo. **Vozes**, v. 4ª edição, 1996.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 176.

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017. 208.

LORDE, A. **Sister outsider: essays and speeches**. Trumansburg, NY : Crossing Press, [1984] ©1984, 1984. Disponível em: < <https://search.library.wisc.edu/catalog/999535120102121> >.

MICHAELIS. Dicionário Michaelis Online. 2018. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca> >. Acesso em: 12 dez. 2018.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção d subjetividade. **Sulina**, v. 4ª reimpressão, p. 207, 2015.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? **Justificando**, p. 114, 2017.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247.

TIBURI, M. Feminismo em comum: para todes e todos. **Rosa dos Tempos**, v. 7ª edição, p. 126, 2018.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil **Brasília DF**, 2015. Disponível em: < <http://www.mapadaviolencia.org.br> >. Acesso em: 10 dez. 2018.

WHO. World report on violence and health. **WHO Library Cataloguing-in-Publication Data**, 2002.

WHO. Preventing youth violence: an overview of the evidence. **WHO Library Cataloguing-in-Publication Data**, p. 100, 2015.

APÊNDICE 1 – Instruções

O que é?

Este dispositivo de “fazer ver e falar” é parte da pesquisa intitulada *“Deixar falar ou fazer calar: uma cartografia das violências silenciadas”* cujo objetivo é dar voz às microviolências cotidianas sofridas pelas mulheres nos espaços acadêmicos.

Esta urna é o espaço para contar o que você geralmente silencia, ou quando não silencia, é silenciada. Os relatos serão abertos somente pela pesquisadora e não precisam de qualquer identificação. Se você não se sentir à vontade para escrever agora, pode escrever em uma folha sua, em outro lugar, e colocar aqui depois. Pode escrever sobre uma situação, sentimento ou pensamento que você sentiu que foi silenciado e gostaria de dar voz.

Obrigada pela colaboração!

Ei, mina!

Se você viu a urna, leu até aqui e não conseguiu falar, tudo bem. Obrigada mesmo assim! E lembre-se: você não está sozinha! Somos muitas, e juntas somos mais fortes.